

O USO DOS CORDÉIS SUL-BAIANOS NAS AULAS DE LEITURA E DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DA REGIÃO CACAUEIRA DA BAHIA: CONTRIBUTOS PARA A PRÁTICA DE AULA

Andréia Batista LINS (Universidade Estadual de Santa Cruz/
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Resumo: busca-se refletir sobre as diferentes possibilidades de uso da literatura de cordel enquanto instrumento para formação de leitores literários – conscientes, críticos e reflexivos – em escolas de Ensino Fundamental e Médio dos municípios sul-baianos, evidenciando a importância do cordel enquanto elemento literário e educacional. Fundamenta-se nos conhecimentos mais modernos no campo do ensino de leitura e de literatura no Brasil, com enfoque nos usos, funções e nas manifestações da literatura de cordel, com destaque para a que se vem produzindo nos principais Municípios da Região Cacaueira do Sul da Bahia. Argumenta-se sobre a importância de um ensino de literatura mais livre, coadunado ao contexto social e cultural em que vivem os alunos e a própria comunidade escolar. Um ensino no qual as escolas possam integrar manifestações literárias expressivas da região/localidade em que está inserida ao seu currículo letivo, no caso em questão, a inserção da literatura de cordel sul-baiana.

Palavras-chaves: Leitura. Literatura de Cordel. Ensino Fundamental e Médio.

1 Introdução

Este trabalho é fruto de minhas inquietações, e surgiu a partir da vivência como professora e pesquisadora em salas de aulas do Ensino Fundamental e Médio, de Escolas da Rede Pública Estadual de Ensino da Região Sul da Bahia, notadamente da Região Cacaueira eixo Ilhéus, Itabuna e Itacaré, cujas observações vêm tornando-se foco de reflexão e de discussões junto às turmas atuais do Mestrado em Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC e do Curso de Especialização em Estudos Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Ele abarca leituras sobre os saberes e pesquisas atuais que permeiam as características, funções e o uso efetivo da literatura de cordel, literatura de cunho popular, junto às práticas de ensino dos professores sul-baianos de língua portuguesa e literatura no seu *locus* de trabalho.

Objetiva-se refletir sobre as diferentes possibilidades de uso da literatura de cordel enquanto instrumento para fomentação e formação de leitores literários – conscientes, críticos e reflexivos – em escolas de Ensino Fundamental e Médio dos municípios sul-baianos citados, evidenciando inicialmente a forma como essa literatura é vista e a importância do cordel enquanto elemento literário e educacional. Por fundamentação, toma-se por base, sobretudo, conhecimentos advindos do quadro atual das pesquisas desenvolvidas no campo do ensino de leitura e de literatura no Brasil, com enfoque no modo como se tem tratado e trabalhado a literatura de cordel na sala de aula, com destaque para a produção cordelista que se vem produzindo há longa data nos principais Municípios da Região Cacaueira do Sul da Bahia, sobretudo os de economia mais firmada como Ilhéus e Itabuna. Observam-se, para tanto, as concepções de pensamento, os aspectos teóricos e os procedimentos didáticos e metodológicos contemporâneos de que se têm valido os profissionais do ensino da leitura e da expressão literária nas escolas públicas desse eixo regional.

À guisa da tessitura de algumas considerações que suscitam ainda mais questionamentos e convidam à reflexão sobre a temática elencada, argumenta-se sobre a importância de um ensino de literatura mais livre, coadunado ao contexto social e cultural em que vivem os alunos e a própria comunidade escolar. Um ensino no qual as escolas possam integrar manifestações literárias expressivas da região/localidade em que estão inseridas, ao currículo letivo previsto/estabelecido pelas secretarias de educação do Estado e/ou da União, no caso do trabalho que ora se apresenta, a inserção da literatura de cordel sul-baiana no currículo das escolas públicas estaduais de Ensino Fundamental e Médio. Deve-se pontuar, que os folhetos cordelísticos constituem-se em parte integrante da literatura e que mesmo se caracterizando como de vertente popular, como já dito, não perdem em qualidade, em criatividade e inventividade, já que também conseguem instigar o leitor e o conduzem à libertação da fugacidade e das opressões do mundo coetâneo, transportando-o para o plano da liberdade de pensamento e expressão, como bem compete à Literatura.

Pretende-se enfatizar que a Literatura de Cordel não é e nem deve ser encarada como um mero pretexto para o ensino de língua ou de literatura, nem deve ser colocada como inferior à literatura dita clássica ou aos demais gêneros e estilos literários abraçados há muito pela academia como de qualidade. A Literatura de Cordel não é e nunca foi banal ou pobre, não é um gênero simplório. Tem seu espaço, mostra o quanto seus autores, gente em sua maioria, sem formação escolar ou universitária, é verdade, mas conhecedora/detentora do talento com as palavras e do conhecimento das técnicas e dos parâmetros de versificação, cadência rítmica e metrficação poética. Os profissionais do ensino, professores e educadores, precisam procurar conhecer mais esse tipo de literatura, para explorá-lo adequadamente junto aos educandos, sejam nos seus aspectos linguísticos, estilísticos, históricos e literários.

Uma escola transformadora, democrática, que preza a qualidade do ensino e a formação eficiente de seus alunos, formação para a vida, para o trabalho, para a atuação nas diversas práticas sociais, não pode e nem deve ser restritiva, preconceituosa ou de valorização a um currículo excludente. Pelo contrário, necessita procurar formar cidadãos críticos, resilientes, proativos e reflexivos, mas sem se prender apenas ao que é exigido para os vestibulares, para os concursos ou para o que dita o mercado editorial e livresco. A literatura de cordel precisa ter seu assento no currículo escolar e integrar o plano de aula dos professores do Ensino Fundamental e Médio. O profissional do ensino, enquanto mediador do conhecimento, tem a oportunidade de levar aos alunos o contato com a diversidade literária, mostrando que, assim como no caso da língua portuguesa e de suas variantes linguísticas, a literatura também se apresenta numa gama de diferentes gêneros, num leque amplo de expressões, de maneiras distintas de lidar com a palavra, conduzindo esse aluno, enquanto indivíduo leitor, ao prazer da fruição literária através do cordel.

Por consequência, procura-se contribuir aqui, nesse espaço, para a discussão dos saberes necessários à prática dos educadores, entendendo que tais saberes, assim como constituem o cerne da formação e da prática docente, podem interferir/pesar decisivamente não apenas para o sucesso ou fracasso do processo de ensino-aprendizagem da Literatura no Ensino Fundamental e Médio, mas também para o sucesso ou fracasso na formação de leitores literários.

2 A hora e a vez da Literatura de Cordel

É hora de redescobrir o povo, a cultura como espaço de hegemonia. É hora de convidar a todos, sociedade, academia, escola, a visitar o popular. O convite não é meu, mas de Martín-Barbero (2003, p. 102) em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Para ele, nada melhor expressa o poder de alcance e a incidência que a crise tem no terreno teórico do que “a redescoberta do popular efetuada nos últimos anos”. Algo realmente importante, “como se a velha e combatida categoria se recarregasse de sentido por não sabermos muito bem que processos e nos desafiasse a descobrir a dimensão do real histórico e do real social que aí permanece insistindo em se fazer pensar”. O autor considera ser necessário voltar a atenção para os contornos que a expressão popular adquire no plano histórico e cultural. Trata-se de assumir as manifestações populares, leia-se também literárias, “como parte da memória constituinte do processo histórico, da presença de um sujeito-outro até há pouco negado por uma história para a qual o povo só podia ser pensado sob o rótulo do número e do anonimato” (idem). Tem-se, dessa forma, o ato de re-situar o *locus* do popular, gerando até mesmo um “descentramento do conceito de cultura”, conforme aponta Martín-Barbero, “num re-desenho global das relações [entre] cultura/povo, povo/classes sociais” e [povo/literatura].

O olhar de Martín-Barbero tem muito do que Jim Sharpe (1992), em seu texto *A história vista de baixo* enuncia. Sharpe dá voz a uma perspectiva das mais frutíferas na análise e perscrutação do passado que tem atraído parcela importante dos historiadores e homens das letras e da literatura, pois procura colocar o homem comum e o contexto social e cultural ao qual este pertencia como alvo de abordagem, no intuito de auxiliar na compreensão da identidade desse indivíduo e das estruturas sociais e de poder em que se insere. Também, na mesma linha, Peter Burke, em *A escrita da história: novas perspectivas* (1992) e em *História e teoria social* (2002), põe em foco a relação dialética entre cultura e sociedade e a importância de se voltar para o estudo das expressões e contrastes culturais entre as diferentes classes sociais. Burke afirma que “o ponto de vista subcultural [da classe popular] tem algo valioso a acrescentar ao estudo histórico e sociológico” (2002, p. 175) sobre as próprias classes e suas manifestações. Burke ainda se preocupa com questões a respeito da transmissão, tradição e reprodução cultural, verdadeiras tendências que levam a sociedade e o sistema educacional, em particular, a se “reproduzirem ao inculcar na geração mais jovem os valores do passado”, conforme discutem Bourdieu e Passeron (1970) e Althusser (1970).

Diante desse quadro, percebe-se a preocupação que o popular vem despertando em termos de estudo sistemático no cenário atual. Reconhece-se o valor, o brilho e as dimensões históricas, criativas, imagéticas e sógnicas que a expressão escrita e oral de cunho popular possuem, bem como o quanto podem desvelar diante do plano comportamental, estético, político e ideológico do homem. Ora, se os profissionais das áreas da História, da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Linguística, da Filosofia têm procurado dar espaço cada vez maior ao estudo da vertente popular, por que a grande maioria dos professores do campo da Literatura parecem ainda relegar a Literatura de Cordel a um segundo plano? Ou mesmo, por que têm negado à Literatura de Cordel uma atenção maior?

É bem verdade que a Literatura de Cordel não figura isoladamente na lista negra dos bancos acadêmicos e da escola propriamente dita, mas parece pelo menos encabeçar a relação ao lado da Literatura Infanto-juvenil e da Literatura de Autoajuda. Tal situação, provavelmente tem origem no pensamento ocidental que por muito tempo rotulou de menor e sem importância tudo

aquilo que viesse das massas populares. Por isso, diários de pessoas comuns, cartas familiares, registros de compras e vendas de bens, testamentos, atas de agremiações/associações, bilhetes, relatos esparsos, *livres de raison*, *ex-votos* e muitos outros tipos ficaram ausentes ou jamais constituíram *corpus* ou objeto de interesse por parte de pesquisadores até o final da década de 90 do século XX.

Marilena Chauí (1984) em seu texto *Cultura do povo autoritarismo das elites* dá pistas do porquê dessa rejeição ou desatenção ao popular. A forma como vê o conceito de povo e de popular se mescla com a noção de massa, assim, povo e massa seriam a mesma coisa e, por conseguinte, se opõem à elite. Segundo sinaliza, o prestígio da noção de ciência está ligado à elite, tudo aquilo que vem do povo é encarado como “não-saber ou não-cientificidade, uma forma de incultura, algo que pode ser exposto ao turista e ao comprador nas feiras de artesanato, que pode ser exibido como relíquia nos teatros, e que pode servir de prova de atraso popular” (1984, p. 132). Assim, tudo que vem do popular é sem prestígio. A Literatura de Cordel, nessa perspectiva, vem do popular, é popular, vem das massas e não da classe elitizada, não é obra de intelectuais nem de filósofos ou de educadores e profissionais de ostentadores da erudita cultura, por isso, talvez, ainda não tenha logrado o devido respeito, nem conquistado o espaço de direito na escola. Para muitos essa literatura é coisa restrita às massas populares. No plano da Sociologia, massa é o termo utilizado para designar o universo das gentes que não sabem, dos dominados, aqueles que estão perdidos no mundo da irracionalidade, da demagogia, do carisma etc, como aponta Octávio Ianni ao tercer comentário crítico ao texto de Chauí.

Nesse mesmo caminho, para justificar o rechaço e o descompromisso da escola e dos professores de Ensino Fundamental e Médio e até das universidades para com o cordel, vale evocar as disposições de Renato Ortiz (1985) em *Cultura brasileira e identidade nacional*. Este autor distingue *arte do povo* de *arte popular*. A primeira é vista como “desprovida de qualidade artística e de pretensões culturais”, por isso nunca transpassa a “tentativa tosca e desajeitada de exprimir fatos triviais dados à sensibilidade mais embotada” (p. 74). A segunda é mais apurada e apresenta “grau de elaboração técnica superior”, mas não consegue “atingir o nível da dignidade artística que a credenciasse como experiência legítima no campo da arte, pois a finalidade que a orienta é a de oferecer ao público um passatempo, uma ocupação inconsequente para o lazer, não se colocando para ela jamais o projeto de enfrentar os problemas fundamentais da existência” (p. 75).

Como se percebe a partir desse plano, somente a literatura clássica, aquilo que é valorizado e cultuado pela elite pode ser tido como de verdadeira expressão literária, portanto, legitimado, encerrando tudo que for fruto do popular “nas malhas da esfera da alienação [...], nos limites da consciência inautêntica” (idem). Parece que tal forma de encarar o popular, a Literatura de Cordel, por consequência, ganhou forças e reina preponderante no pensamento da doutrina escolar, apesar, pontue-se, dos espaços conquistados em diversos setores educacionais e de pesquisa do país. Algo que até o presente tem soado de maneira expressiva.

A questão, como se vê, a exemplo do que bem lembra José Antônio Pasta Júnior (1987, p. 58), no capítulo quarto de seu livro *Cultura brasileira: temas e situações*, intitulado *Cordel, intelectuais e o Divino Espírito Santo: notas sobre artes do povo e estética da representação*, é ampla, muito mais complicada do que se pensa e tem diversos enfoques possíveis, “uma região

de fogos cruzados”. De um lado, têm-se uma ideologização imediatista que começa a repugnar o intelectual sério; do outro, o choque com as diferenças, algo que conduz à recusa das obras de cunho/origem popular. Um equívoco, mas uma realidade que tem preponderado sobremaneira no sistema de ensino, no ideário dos professores de leitura e de literatura de hoje desde as séries iniciais até a faculdade.

3 Da Europa para o Brasil: a presença do cordel no Sul da Bahia

A Literatura de Cordel chegou ao Brasil no século XVI, introduzida pelos portugueses. O nome *cordel* advém da maneira como eram expostos para comercialização, pendurados em cordas, cordões (barbantes) em lojas populares, ou simplesmente dispostos no chão nas ruas e feiras-livres. Impresso em forma de folhetos, em sua maioria ilustrados, o cordel é poesia popular estruturada em versos, que tanto evidencia as histórias mais tradicionais, narrativas antigas ou fantasiosas que se encontram conservadas na memória ou no imaginário de um povo, como pode apresentar também críticas sociais e políticas a fatos diversos, dialogando com o contexto histórico-social em que se insere ou do qual é partícipe o cordelista.

Até hoje é possível encontrar nas feiras de algumas cidades nordestinas, ou em bancas de jornais e revistas do país esse tipo de literatura sendo comercializada. Seus versos repletos de criatividade, de conhecimento e, muitas vezes girando em torno da tessitura de críticas à realidade vigente, sobretudo nas esferas política, comportamental, religiosa, artística e cotidiana, conseguem despertar a atenção e o gosto das pessoas dos mais diversos níveis sociais, pois através dos versos cordelistas uma infinidade de temáticas ganha vida, indo desde disputas, festas, brigas, mulheres, a até mesmo acontecimentos históricos e feitos heróicos.

O cordel é um gênero de poesia narrativa, espaço de representação e de exposição de ideias e de críticas à sociedade e suas instâncias diversas. Consiste numa arte poética de extrema importância que merece crédito e tem ocupado assento em diversas universidades do país, a exemplo da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Federal de Pernambuco, da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal do Ceará, dentre outras instituições superiores que vem dando voz e vez à Literatura Popular. É crescente, portanto, a preocupação com o estudo do cordel em alguns importantes centros universitários, o que tem contribuído para que um número maior de pessoas tenha acesso à riqueza da Literatura de Cordel. Por isso, quer pelo seu alcance, quer pela leitura rápida e prazerosa que proporciona, essa literatura apresenta-se como uma das vertentes de maior relevo dentro dos estudos literários e sócio-culturais atualmente.

Nesse terreno, o Brasil possui grandes representantes. A Região Nordeste, em específico, se configura em celeiro de maior produção dessa literatura o que gerou, em grande parte, o reconhecimento e a difusão do nordestino, de sua cultura, história e manifestações artístico-literárias. Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia são alguns dos Estados que detêm grande concentração de poetas cordelistas, os quais respondem pela propagação desse gênero no cenário nacional.

No que se refere ao Sul da Bahia, foco deste trabalho e berço literário de autores consagrados como Jorge Amado, Adonias Filho, Telmo Padilha, só para citar alguns nomes, os

poetas cordelistas assumem um papel de suma importância, pois a arte literária desenvolvida por eles pode ser fator de promoção da região como um todo, haja vista o conjunto histórico e cultural instalado nesse espaço, há muito considerado como efervescente celeiro artístico da Bahia, também contado e cantado nesses livretos. Os cordéis do Sul da Bahia têm sido comercializados livremente nas praias do eixo Ilhéus-Itacaré, nas praças centrais de Itabuna e de muitos outros municípios dessa faixa territorial. Ele já chega, embora ainda timidamente, às mãos de turistas brasileiros e de inúmeros outros países. Dessa forma, podem funcionar como verdadeiro atrativo ou convite ao turismo nessa região, assim como conseguiram ser e têm sido os livros de Jorge Amado.

Anualmente, a Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, universidade situada no berço do descobrimento do Brasil, realiza o encontro de cordelistas da Região Cacaueira, com seminários, cantorias, debates acadêmicos, leituras, apresentações, exposições e venda de cordéis. O PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – projeto de valorização social da leitura e da escrita, presente em todo o país desde 1992, também tem um de seus comitês na UESC e vem se firmando como presença política atuante na região sul-baiana, promovendo ações para a democratização do acesso à leitura nas escolas da região. Ele tem abraçado o cordel em suas oficiais e levado-o ao conhecimento dos alunos da rede pública municipal e estadual de ensino e a outras entidades.

Os eventos são abertos à comunidade, uma forma de fazer com que essa literatura seja conhecida e propagada, prova do valor desse gênero e da luta para que permaneça sempre presente. Tal interesse não é desmedido, pois a Literatura de Cordel consegue traduzir com maestria os anseios e a própria voz do povo e de uma forma literária, poética, criativa, valorizando a métrica, a rima, a ampliação do conhecimento vocabular e as disposições estratégicas da versificação.

É de suma importância o estudo desse gênero literário no que tange ao conhecimento histórico, político, cultural, ideológico, antropológico e social do imaginário e da realidade do povo de uma determinada região. Nesse viés, projeta-se no cenário das discussões acadêmicas, por ser celeiro de representatividade e até mesmo de identidade regional, contando com uma gama de autores que surpreendem pela quantidade e pela qualidade de suas obras. Mulheres e homens que conseguiram por mérito próprio imprimir seus nomes no mapa cordelístico nacional. Tudo isso por contemplarem/abarcarem em seus textos, com traquejo literário, uma variedade de temáticas que não apenas dão voz aos problemas, à realidade e ao ideário do indivíduo sul-baiano, brasileiro, mas também por destinarem particular preocupação/interesse com o registro da exuberante natureza desse lado da Bahia, da gente acolhedora, simples, generosa e trabalhadora, enfim, por conseguirem constituir um painel, um discurso, um retrato identitário dessa terra e desse povo.

É preciso citar aqui alguns nomes da Literatura de Cordel sul-baiana, autores que se destacam no cordel tradicional e no neo-cordel. Dentre eles, podemos arrolar Janete Lainha, Minelvino Francisco Silva, Chico Neto, Nelson Ribeiro (Azulão Baiano), Geraldo Maia, Ulisses Prudente da Silva, Gilton Thomaz, Ametista Nunes, Jotacê Freitas. Os cordéis produzidos por eles no sul da Bahia, no entanto, ainda não têm sido devidamente contemplados em vários aspectos de análise, sobretudo no que diz respeito aos literários, o qual nos interessa.

4 A Literatura de Cordel nas escolas da Região Cacaueira: situação e propostas de abordagem

Nas escolas da Região Cacaueira, a Literatura de Cordel continua sendo utilizada, em sua maioria, com a função de pretexto para o ensino da leitura e da literatura, ou nas aulas de Educação Artística quando a intenção é a de apresentar as xilogravuras e as maneiras de reproduzi-las, muitas vezes sem relacioná-las ao texto cordelístico que elas anunciam, ilustram e encabeçam. Os professores de língua portuguesa e de literatura até registram em seus planos de aula anuais, com especificação na unidade letiva, da proposta de trabalho com o cordel. Eles arrolam alguns objetivos, quase sempre apontando como intenção de aula o conhecimento de tal gênero literário, precedido pela leitura de folhetos cordelísticos, finalizando com a pelos alunos de um pequeno cordel. No máximo, a atividade dura duas ou três aulas e pronto. Quando a proposta é de oficina literária, o trabalho compreende uma semana. Em geral, o professor lê com os alunos, fala de poema, apresenta a origem e as características principais do cordel e fecha com a leitura do texto produzido por cada aluno. Bom, tudo isso no Ensino Fundamental I e II, pois no Ensino Médio, a abordagem é ainda menor, apenas uma aula e no terceiro ano, na maioria das vezes. O cordel termina também por ser colocado como estratégia para a apresentação de trabalhos por parte do alunado, sob a alegação de tentar atribuir maior dinamicidade e ludicidade à transmissão de determinado conteúdo.

Fato interessante é que muitos livros didáticos não trazem ou quase não mencionam o cordel. Em um ou outro, fragmentos ou algumas estrofes da obra de Patativa do Assaré, seguidas de uma rápida e superficial tentativa de interpretação. Os cursos de capacitação de professores da rede estadual de ensino, coordenadas pela Secretaria de Educação da Bahia, através do Instituto Anísio Teixeira – IAT, em seus módulos das oficinas de leitura e produção de textos, ou do projeto de Aceleração e de adequação idade-série são uma exceção feliz, mas ainda triste. O paradoxo aqui se explica: apesar de abordarem a Literatura de Cordel, desprezam no rol das exposições e discussões a abordagem dos próprios cordelistas baianos, elegendo como foco os autores de cordel mais conhecidos, pertencentes ao eixo Paraíba-Pernambuco. É preciso reconhecer, no entanto, que as propostas para o trabalho em sala de aula com o cordel, ministradas pelo IAT, fazem desse gênero a personagem protagonista e não mais a coadjuvante.

Por fim, a última questão que neste trabalho se pretendia discutir: como em verdade o professor do Ensino Fundamental e do Ensino Médio deve tratar/abordar o cordel nas aulas de língua portuguesa e literatura? Bom, receitas há muitas e os cursos e oficinas de formação dos professores do Estado da Bahia as enumeram, mas como já anuncia o bordão, “nada substitui o talento”, cada turma é um universo, cada situação de aula é única. Por isso, mais do que repetir fórmulas, cabe à ousadia e à criatividade do professor o desafio de trabalhar a Literatura de Cordel junto a seus alunos. Uma coisa é certa, com toda a riqueza cordelística na Região Cacaueira sul-baiana, nada mais justo do que emprestar voz e dar vez a essa literatura em nossas escolas, em nossos currículos.

Referências

BURKE, Peter. Cultura. In: BURKE, Peter. **História e teoria social**. Trad. Klauss Brandini Gerherdt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP: 2002, p. 164-175.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: VALLE, Edênio; QUEIRÓZ, José J. (Org.). **A cultura do povo**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais, 1984. p. 119-144.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Redescobrimdo o povo: a cultura como espaço de hegemonia. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús (Org.). **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 102-136.

ORTIZ, Renato. Da cultura desalienada à cultura popular: o CPC da UNE. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 68-78.

PASTA JR., José Antônio. Cordel, intelectuais e o Divino Espírito Santo (notas sobre artes do povo e estética da representação). In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987. p. 58-74.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. 2. ed. São Paulo: EDUNESP, 1992. p. 40-102.